

O LETRAMENTO COMO SUPORTE PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA EM SALA DE AULA

JULIO CESAR VIEIRA LOPES

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC). Pedagogo do Colégio Militar de Fortaleza (CMF). E-mail: jjuliolopes@gamil.com

ANDRÉIA VIEIRA DE MENDONÇA

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: andievm@ig.com.br

Introdução

Este ensaio visa apresentar uma experiência de prática pedagógica com vistas a atender ao requisito de elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Especialização em Língua Portuguesa com ênfase em Multiletramentos, promovido pelo Exército Brasileiro e coordenado pela Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA).

Como já conhecíamos alguns dos alunos desde o ano de 2010, percebemos, logo no início do trabalho, a necessidade de mobilizá-los para auxiliarem-se mutuamente em suas diversas tarefas escolares e ou necessidades pessoais.

Elencamos, entre diversas outras, uma série de oportunidades para melhoria, a serem alcançadas ao longo do ano de 2011:

- a) dificuldades de relacionamento interpessoal, manifestadas pelo isolamento de alguns alunos e pela formação de pequenos grupos fechados;
- b) divisão entre alunos concursados e não-concursados, observado, sobretudo, pela dificuldade desses discentes em ampliar seu círculo de amizades;
- c) ocorrências de desaparecimento de objetos materiais;
- d) desrespeito à propriedade intelectual;
- e) colégio sujo;

- f) dificuldade em encontrar lideranças para ajudar discentes com rendimento escolar insatisfatório;
- g) discurso impregnado em alguns alunos, segundo o qual “o mundo é dos espertos”;
- h) bullying;
- i) necessidade em vincular sua satisfação com algum tipo de prêmio, desinteresse explícito pelas possibilidades de estudo oferecidas pelos docentes.

Diante de tal fato e com base nos ensinamentos oriundos do curso de Especialização em Língua Portuguesa com ênfase em Multiletramentos decidimos usar as ferramentas do círculo de cultura, das rodas de conversa, do júri simulado e da arte comparada em suas diversas modalidades como forma de desenvolver os trabalhos em sala de aula.

Levantamos a hipótese de que as discussões poderiam auxiliar na capacidade de julgamento dos alunos do CMF; provocaria novas reflexões e poderia possibilitar mudanças de postura por parte dos educandos.

Referencial Teórico

Este artigo pretende apresentar a aplicabilidade do Letramento como modalidade de formação por meio de algumas atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo de 2011, mediadas pedagogicamente junto a 150 (cento e cinquenta) alunos do 9º ano do ensino fundamental do Colégio Militar de Fortaleza. O objetivo foi contribuir para ampliar o sucesso escolar dos discentes e alargar nossa visão do processo de aprender.

Destacamos letramento como conjunto de conhecimentos e experiências necessário a qualquer indivíduo para que este possa atuar de maneira competente e eficaz em diversos contextos sociais.

A escola tem a missão de promover o processo de letramento dos indivíduos partícipes de seu cotidiano, não só por alfabetizá-los, mas também e, sobretudo, por ampliar sua dimensão sociocultural. O espaço escolar é ambiente de aprendizado constante em diversas áreas do conhecimento. Ademais, a escola tem a seu favor o desenrolar de relações humanas e sociais, fatores-contribuidores para a formação global humana e promoção aos indivíduos de oportunidades do uso dos conteúdos apreendidos, em todas as práticas sociais extramuros.

Para compreender melhor este processo, apresentaremos duas dimensões de letramento: social e individual. Conforme definição da autora Magda Soares¹, de maneira geral, podemos compreender letramento como o uso da leitura e da escrita em práticas sociais.

Segundo a mesma autora a dimensão individual pode ser compreendida como um atributo do sujeito no que tange as suas habilidades individuais de ler e escrever; já a dimensão social, distingue letramento como fenômeno cultural e seu uso nas funções e propósitos da língua escrita no contexto social (SOARES, 2004).

É interessante este excerto da mesma autora: “Na maioria das definições atuais de letramento, uma ou outra dessas duas dimensões é priorizada: põe-se ênfase ou nas habilidades individuais de ler e escrever, ou nos usos, funções e propósitos da língua escrita no contexto social” (Soares 2004, p. 67).

Ao permitir que o sujeito interprete, divirta-se, seduza, sistematize, confronte, induza, documente, informe, oriente-se, reivindicue, e garanta a sua memória, o efetivo uso da escrita garante-lhe uma condição diferenciada na sua relação com o mundo, um estado não necessariamente conquistado por aquele que apenas domina o código (SOARES, 2004).

¹ Magda Becker Soares é Professora Titular Emérita da Faculdade de Educação da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – CEALE – da Faculdade de Educação da UFMG. Graduada em Letras, doutora e livre-docente em Educação.

Para compreendermos bem o que significa o termo letramento, partamos do conceito, ou entendimento sobre o que é, ou pode ser, alfabetização. Trata-se de modalidade de ensino ou aprendizagem cuja ideia dominante é desenvolver nos estudantes as competências básicas para ler e escrever. Seria o domínio do código de linguagens.

Assim, alfabetização é o processo de instrumentalizar o sujeito com os saberes mínimos para ler e escrever; ofertar-lhe as ferramentas básicas para mecanicamente agir sobre um texto, externando aquilo que corresponde ao estritamente escrito. Tem, conforme podemos depreender um caráter restrito.

Soares (2011) explicita a clara diferença existente entre a aquisição e o desenvolvimento da língua materna por falantes do idioma. Desta forma, o termo alfabetização não ultrapassaria o significado de “levar à aquisição do alfabeto”. Importante frisar: domínio do código não significa necessariamente capacidade para estabelecer comunicação, processo de diálogo.

Por isso, aprender a ler e a escrever implica não apenas o conhecimento das letras e do modo de decodificá-las (ou de associá-las), mas a possibilidade de usar esse conhecimento em benefício de formas de expressão e comunicação possíveis, reconhecidas, necessárias e legítimas em um determinado contexto cultural.

O termo letramento, mencionado pela primeira vez nos anos 80, começou a ter destaque no meio educacional na medida em que a alfabetização foi entendida como um processo complexo de aprendizagem lingüística. Em meio a essas transformações, o letramento veio ampliar o sentido da alfabetização e propiciar o entendimento da dimensão sócio-cultural do aprendizado da língua escrita, uma vez que esse aprendizado ocorre através da relação entre o sujeito e a cultura da sociedade em que vive (COLELLO, 2006).

Com a mesma preocupação em diferenciar as práticas escolares de ensino da língua escrita e a dimensão social das várias manifestações escritas em cada comunidade, Kleiman, apoiada nos estudos de Scribner e Cole, define o letramento como:

Um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. (1995, p. 19)

Dessa forma, o conceito de letramento é mais amplo e está diretamente relacionado com a aplicabilidade dos conceitos aprendidos. Um sujeito alfabetizado não necessariamente é um indivíduo letrado, vez que não podemos afirmar ser ele capaz de aplicar os conhecimentos aprendidos em situações novas. Assim, está diretamente vinculado ao uso que o cidadão faz daquelas ferramentas a ele ofertadas no processo de aquisição do código. Se o mais importante para o alfabetizado é ter ferramentas, para o letrado é saber usá-las.

Insero neste contexto aparecem as várias modalidades de letramento – multiletramento – que representa as múltiplas possibilidades do aprendente fazer uso de outras formas de textos para se comunicar. Significa ir além dos textos orais e escritos.

Multiletramento pressupõe a incorporação da imagem, da imagem em movimento, dos sons, dos gráficos, infográficos, símbolos e outros meios de comunicação, extraindo deles sentido e significado.

Destacamos, nos conteúdos das produções acadêmicas tomadas como referenciais para nossas discussões, a relevância atribuída pelos autores ao papel a ser desempenhado pela Escola na tarefa de ensinar a ler e a escrever.

Vai muito além de tirar dos ombros dos docentes da cadeira de Língua Portuguesa esta missão. Reafirma a Escola como invejável espaço para prática da leitura e construção de textos e dá corpo

à ideia não só de aptidão a todos os professores, mas também os eleva à condição de meio único para a confecção do saber.

As salas de aula podem ser transformadas em oficinas geradoras de vivências múltiplas, em cujo cerne estará sempre viçoso o uso da Língua e seus recursos. Eis uma seleta ferramenta para o ponto de partida da comunicação entre os alunos e destes com o mundo. A linguagem enquanto instrumento para transmitir e receber notícias, fundada no saber ler, escrever, e falar, não pode ser pensada como algo distante de nossa realidade e vazia de conteúdo. Ao contrário, tem de ser densa em conteúdo porque densidade pressupõe, aqui, significado.

Portanto, letramento e comunicação andam juntos. São termos irmanados pelo ideário do exercício da capacidade de expressar e entender mensagens. Perpassam o contexto e vão, por conseguinte, além do texto. São mensagens vivas, cheias de sentido. E tem função social.

Assim, podemos defender a afirmação segundo a qual o sujeito encontra-se imerso em um complexo de relações. Para o trabalho com Letramento é importante respeitarmos as individualidades e a bagagem cultural trazida pelos alunos. Partamos, para lembrar Luís Vaz de Camões, no episódio do Velho do Restelo, em os Lusíadas², do princípio de que o aluno traz “um conhecimento só de experiências feito”.

Se o pensamento acima exposto contribui para entendermos o conceito de Letramento, como entender o oposto, cidadãos-iletrados? Seria possível alinharmos em uma mesma posição os iletrados e os analfabetos-alfabetizados ou os analfabetos funcionais?

Como muito bem alerta a educadora Magda Soares (2011), sempre que tentamos estabelecer diferenças entre alfabetização e letramento, corremos o risco da simplificação das ideias; e, ainda,

² Os Lusíadas é uma obra poética do escritor Luís Vaz de Camões, considerada a epopeia portuguesa por excelência. Provavelmente concluída em 1556, foi publicada pela primeira vez em 1572 no período literário do classicismo.

porque os estudos no campo do letramento carecem de novos esforços e avanços, não há uma sólida base conceitual.

A exposição dos alunos à experiência educacional da roda de conversa tendo como referencial o círculo de cultura proposto por Paulo Freire é um procedimento que exemplifica a dimensão formadora e ideológica deste modelo de letramento social, eminentemente de cunho pedagógico e explicitamente voltado para a transformação social, conforme será apresentado neste trabalho.

Desenvolvimento de Competências para Saber Refletir na Disciplina de Orientação Escolar. Uma Proposta de Atuação com a Perspectiva do Letramento

Para qualquer cidadão ter condições de expressar com elegância, convencimento e propriedade suas ideias; para este mesmo sujeito participar de forma ativa e responsável de suas relações comunitárias; para criar e refazer de forma autônoma sua história de vida, sabemos o quão substancial é a leitura, análise e interpretação de textos de qualidade.

O exercício acima mencionado, com uso de textos e mensagens, em suas várias modalidades permitirá ao estudante ampliar seus horizontes; afinar as capacidades de comparar e julgar.

Com base no resultado da prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), versão 2002, assim discorreu João Bosco de Castro acerca do tema em pauta. Segundo o referido autor, os estudantes:

[...] Passam os olhos pela mancha gráfica, e não atingem a essência da mensagem escrita. Não leem, porque não sabem ler. Não sabem ler, porque Escola Brasileira decretou a imprestabilidade da leitura qualitativa, sinfrônica, sumosa e insubstituível, emudeceu o rito subjetivo da Essência Dialogal e transmutou o sentido da pesquisa em cabulice ou cópia vil e irresponsável de textos. Esses infelizes não logram

escrever, porque não pensam nem sabem a serventia do pensamento: não conseguem pensar à mingua dos recursos da leitura qualitativa. Eles não alcançam escrever, porque o ensino e a prática das técnicas de redação deixaram de compor as prioridades da Escola Brasileira, cujos professores, muitos dos quais até de Língua Pátria e Literatura, também nada escrevem, por preguiça, incúria e inépcia. Seus alunos, coitados, atolam-se no muladar aequeroso da estúlcia: fábrica de analfabetos diplomados [...] (CASTRO, 2002 p.54).

Alinha-se com as ideias deste pensador mineiro o pensamento do escritor paraibano Ariano Vilar Suassuna. Este autor, certa feita, apresentou interessante reflexão sobre cultura e conhecimento:

[...] Olha, meu amigo Capiba, que era um grande compositor, uma figura extradordinária, ficava indignado quando diziam que cachorro gosta de osso. Ele dizia, só dão osso ao cachorro, depois dizem que ele só gosta de osso. Ele adora comida como todo mundo. Ele dizia, bote um osso e bote um filé para ver qual é que ele escolhe. Agora não estão deixando a juventude brasileira entrar em contato com o filé. Só estão lhe dando o osso.[...] (ROVALI, 2005)

E continua Suassuna:

[...] Às vezes as pessoas pensam que sou contra a televisão. Digo, não, sou contra é o modo como a estão fazendo. A televisão é uma coisa maravilhosa, mas o que tem de arte ali é muito pouco. Tem noticiário, entretenimento, negócio e só de repente aparece uma obra de arte. Em geral, eles só mostram o que não presta e depois fazem uma enquete e perguntam: o que o senhor acha dos programas? E as pessoas dizem que gostam do que não presta. Claro, eles só veem o que não presta.[...] (ROVALI, 2005)

É certo que João Bosco de Castro não está só quando assevera acerca da dificuldade dos alunos em produzirem texto escrito. Nós, professores, concordamos com ele. Da mesma forma, Ariano Suassuna tem razão quando afirma que “só nos dão o osso” em alu-

são à qualidade das atividades culturais que nos são apresentadas. É nesse contexto que o letramento ganha robustez para o fomento de práticas educativas cuja lógica seja eivada por atividades desenvolvidoras da capacidade dos alunos de entenderem o mundo e compreenderem o outro.

Desse modo, acreditamos na importância do letramento como caminho para ofertar aos estudantes possibilidades alternativas de aprendizagem. Aqui reside o despertar o gosto pela leitura. O gosto por atividades artísticas como cinema, literatura e música, como fontes de conhecimento e alternativa possível ao computador e à televisão. Esta pode ser atividade primordial da escola contemporânea. Sem o desenvolvimento de tais competências o homem fica preso à visão de mundo de um só tom.

Metodologia: a Prática de Sala de Aula, Pensada a partir da Fundamentação Teórica do Letramento, como Proposta para Intervenção

O projeto Júri simulado fez parte das aulas de Orientação Educacional (OE), ao longo do ano de 2011 e foi desenvolvido a partir de cinco temas, escolhidos pelos alunos de cada uma das cinco turmas do 9º ano. Os estudos e debates possibilitaram ao grupo aprofundar conhecimento sobre a temática após o surgimento dos temas geradores nas rodas de conversa.

Em seguida, a partir da escolha dos temas, foram confeccionados casos fictícios relacionados aos temas, que envolvesse um problema social e que culminasse na realização de um júri simulado.

A proposta de trabalho pretendia o aprofundamento do tema pelo grupo de alunos, através de pesquisas na internet, leituras sobre os temas, debates e escrita dos casos. Com a finalidade de possibilitar aos alunos obterem mais informações sobre como acontece um júri real, os discentes assistiram a um vídeo com um resumo sobre como ocorre um júri realizado por alunos do curso de Direito de uma faculdade local.

Considerações Finais

Talvez não seja razoável supor a hipótese segundo a qual está pacificado entre educadores o ponto referente à concepção sinonímia entre o conteúdo existente nos vocábulos letramento e alfabetização. Enquanto esse conceito parece mais restrito, fechado, resumido, pobre, conjunto de conhecimentos, domínio de código, auto-suficiência, prontidão, reto, ideia que se esgota em si mesma letramento aponta para um universo de possibilidades e está plenamente associado à prática de vida dos sujeitos-aprendentes vez que supõe pronto emprego daquilo que foi aprendido.

E onde ocorre o letramento? Embora admitamos a possibilidade plenamente viável das ocorrências extra-muros escolares queremos deixar explícita a crença no papel da escola como organização estruturada para permitir a confluências das práticas de leitura e escrita.

Se a escola é o lócus para a experiência do letramento podemos reservar para a sala de aula o palco onde sujeitos da aprendizagem irão produzir de forma coletiva os saberes podemos deduzir que o docente é o responsável pelo processo de letramento? Neste instante passamos a pensar em multiletramentos dividindo a responsabilidade outrora atribuída ao professor da cadeira de Língua Portuguesa. Como fica a questão da leitura? Letramento é conscientização. Precisamos pensar na leitura de mundo.

Queremos, enquanto educadores, extrapolar a simples necessidade básica de nossos educandos passarem os olhos pelo conteúdo do texto impresso e repeti-lo. Queremos e buscamos mais. Sonhamos em abrir oportunidades para que os estudantes tenham condições de ser gente, enquanto seres pensantes capazes de refletir acerca de tudo que está à sua volta; saber criticar e fazer escolhas de forma livre e autônoma. Para tanto, é preciso fornecer-lhes condições para tomada de decisões sobre os assuntos que irão permeiar suas rotinas. Fazê-los autônomos e independentes.

Sublinhamos o fato do trabalho pedagógico desenvolvido nos colégios militares não se apartar da preocupação com o desenvolvimento de valores humanos. As preocupações com a formação do espírito militar cuja essência está na defesa dos princípios éticomorais; dos símbolos nacionais; da determinação; do espírito de grupo e da camaradagem. Eis uma espécie de letramento.

E assim é o letramento: fio condutor que perpassa os conteúdos e permite aos estudantes uma nova visão alargada pelo conhecimento mais amplo acerca da realidade. Essa visão fará deles futuros cidadãos preocupados com questões sociais, ambientais e valorizadores dos princípios do respeito ao outro; solidariedade, ajuda e cooperação.

Referências Bibliográficas

- CASTRO, João Bosco de. *Glorioso Tormentório* (Essência Doutrinária 4). Belo Horizonte: Oficina Redatorial “Guimarães Rosa”, 2002
- COLELLO, Silvia M. Gasparian. *Alfabetização e Letramento: Repensando o Ensino da Língua Escrita*. [2006]. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm>> Acesso em: 20 jun. 2012.
- KLEIMAN, A. B. (org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, Mercado das Letras, 1995.
- SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 6ª ed. São Paulo. Editora Contexto, 2011.
- ROVALI, Renato. MAZZONI, Felipe. *Só nos dão o osso – bate-bola com Ariano Suassuna*. Revista Fórum, 11/08/2005. Disponível em http://www.revistaforum.com.br/blog/2009/06/so_nos_dao_o_osso – entrevista com ariano suassuna htm Acesso em: 27jul2012.